

82.09
17375a
8g: 1
C 92568058

mudar código

BIBLIOTECA	
L. E. 1.134-73	
Campus	MT
RG N.º	00114503
Data	22 11, 05
() Compra (X) Doação () Permuta	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

APARÊNCIA E REALIDADE: EIS A QUESTÃO

Uma análise sobre o conceito de aparência e realidade representado na personagem
Lady Chiltern na obra Um Marido Ideal de Oscar Wilde.

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Unemat/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda
como requisito para a obtenção de grau de licenciada
em Letras.

Orientadora: Vanderlucé Moreira Machado Oliveira

Pontes e Lacerda -- MT

2005

CÉLIA ROMUALDO DA COSTA REIS

APARÊNCIA E REALIDADE: EIS A QUESTÃO

Uma análise sobre o conceito de aparência e realidade na personagem de Lady Chiltern na obra Um Marido Ideal de Oscar Wilde.

Pontes e Lacerda – MT

2005

Célia Romualdo da Costa Reis

APARÊNCIA E REALIDADE: EIS A QUESTÃO

Uma análise sobre o conceito de aparência e realidade na personagem de Lady Chiltern na obra Um Marido Ideal de Oscar Wilde.

Banca examinadora:

Isaac Newton Almeida Ramos

Renata Beatriz B. Rolon

Wanderlucia Moreira M. Oliveira

Pontes e Lacerda, junho de 2005.

No dia-a-dia, o que se fala não é o que se faz; o exterior difere do íntimo; e até os mais próximos não sabem quem somos, na realidade.

Oscar Wilde.

A minha família

Primeiramente sou eternamente grata a Deus pela fonte de inspiração e sabedoria, a quem devo a minha vida. Não existem palavras para agradecê-lo adequadamente.

Agradeço a minha orientadora Vanderlucy Moreira Machado, que me auxiliou na realização desta pesquisa.

Agradeço meu adorável marido Gaspar Batista dos Reis Junior pelo incentivo nos momentos mais difíceis desta trajetória.

Agradeço aos meus maravilhosos filhos Jhon Mike Costa Reis e Jhonatán Costa Reis pela compreensão nos momentos em que tive ausente como mãe e aos meus amigos pela força.

Obrigada pelo apoio.

Este trabalho consta de uma análise abordando com aspectos comportamentais da personagem Lady Chiltern da obra “Um marido Ideal” do autor Oscar Wilde. O mesmo evidencia a aparência e a realidade da mulher burguesa da sociedade Londrina do Século XIX e a desconstrução da máscara existente no meio social, isso denunciado pela literatura wildiana.

Palavras-chaves: Aparência e Realidade.

SUMÁRIO

1- Uma análise sobre o conceito de aparência e realidade representado na personagem Lady Chiltern na obra de Um marido Ideal de Oscar Wilde-----	09
2- Bibliografia-----	23
3- Referências bibliográficas. -----	24

UMA ANÁLISE SOBRE CONCEITO DE APARÊNCIA E REALIDADE NA PERSONAGEM LADY CHILTERN NA OBRA “UM MARIDO IDEAL” DE OSCAR WILDE

O brilhante Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, ou simplesmente Oscar Wilde, nasceu em Dublin capital da Republica Irlandesa, em 1854. Conhecido como um dândi extremamente espirituoso e famoso por suas máximas. OW¹, assim por mim denominado no presente trabalho, era considerado como irresponsável diante da vida por amar a liberdade e a inteligência humana.

OW com o passar do tempo gradativamente se revela como um autor repleto de sensibilidades, sabedoria e preocupações éticas. O autor vive momentos conturbados, mas isso não compromete sua sensibilidade literária e procura em suas obras representar suas vivências, encantando leitores que gostam do estilo com humor irônico propondo reflexões sobre os limites da ambição, da lealdade e exigências do amor.

A obra em estudo “Um marido Ideal” é de cunho crítico social, pois a sociedade Inglesa daquela época (1895) fazia uso de mascaramento que resultava em hipocrisia social de falsa moralidade. OW em “Um marido Ideal” tira essas máscaras dos políticos bem acentuados e das madames moralistas; a exemplo Lady Chiltern.

A sociedade de Londres, especialmente os homens passavam a maior parte do seu tempo dedicando-se à política dispondo assim, de um menor tempo para as questões amorosas. Enquanto as mulheres eram reservadas para encantar as festas com sua beleza feminina, trajadas com belíssimos vestidos e maravilhosas jóias para despertarem os olhares masculinos.

A escolha desse tema se dá pelas indagações tanto pessoais quanto acadêmicas em relação à literatura enquanto arte reflexiva.

Trinta de novembro de 2004 - cento e quatro anos se passaram desde a morte de OW. Sua vida, sua obra, seus pensamentos falam tudo. Não há necessidade de repetir todo seu roteiro, dia após dia, ano após ano que fez da sua obra uma defesa para sua própria vida.

Frases feitas ou não, o que importa é a força dessa obra, pois ao lê-la, percebemos como ela penetra dentro de nós, alertando-nos para a hipocrisia de uma sociedade, que teima em nunca desaparecer. È por isso que “Um marido Ideal” (2000) é considerado uma obra literária, que relata uma fascinante mistura de farsa e imoralidade.

Pensar na posição da mulher é lembrar da revolução francesa como marco da crescente influência feminina em direitos e exigências. A emancipação da mulher foi promovida por elas próprias sem interferência masculina.

Desde este marco a mulher deixa então de ser meramente dona de casa envolvida com fazeres domésticos, em acompanhar os brilhantes maridos às festas e desfilar com belíssimos manequins e jóias. A partir de então ganha seu espaço na sociedade a qual faz parte.

As mulheres descem das leituras de livros de boas maneiras aos jornais de notícias políticas. Para elas no momento era grande conquista. A partir de então buscam constantes mudanças. Há questionamentos sobre as conquistas femininas em relação a vantagens e desvantagens, mas o importante conforme o sábio OW não é a diferença do sexo e sim a essência humana o amor que acredita o autor que “segundo alguns, as mulheres amam com os ouvidos, exatamente como os homens amam com os olhos; admitindo-se que realmente amem”. (Wilde). Assim há possibilidades de defender a idéia de que as mulheres desde a antiguidade já ocupavam posições mesmo que oculta na sociedade.

OW escreveu “Um marido Ideal” com a sensibilidade de apresentar esta mulher em outro posicionamento à sociedade, mostrando-as como pessoas que mascaram certas atitudes dizendo que é por amor, isto é, condicionando o ser amado aos seus desejos. Pois quem ama não impõe condições e escolhas. Se o amor permite imposições, realmente é um sentimento contraditório coma defende Camões no soneto “amor é fogo que arde sem se ver”.

E OW apresenta-nos claramente esses momentos contraditórios com as atitudes moralistas da personagem Lady Chiltern, a qual põe em xeque seu casamento e o

¹ O nome do autor será indicado pela sigla O W

sentimento mais distinto e mais remoto o amor, quando descobre o segredo de seu amado, Sir Robert, o qual participara de uma fraude, vendendo um segredo de Estado visando a ambição social. Lady Chiltern desde muito jovem estudante de escola moderna apresentava atitudes moralistas e radicais, para ela as atitudes das pessoas com as quais convivia tinha que condizer com seus princípios, conforme a seguir:

“Não, não fale! Não diga nada! Sua voz desperta memórias terríveis de coisas que fizeram eu amar você, memórias de palavras que fizeram eu amar você - memórias que agora são horríveis para mim. E como eu adorei você! Para mim você era uma coisa separada da vida comum, uma coisa pura, nobre, honesta, sem mancha. O mundo me parecia melhor porque você estava nele, e a bondade mais real porque você vivia. E agora - ah, quando eu penso que fiz de um homem como você meu ideal! O ideal de minha vida!” (WILDE, 2000: 92).

Uma vez que estudara em uma escola moderna e depois casara com marido modelo na sociedade Londrina esperava-se que havia mudado ou pelo menos crescido enquanto pessoa a ponto de respeitar as divergências. Conforme (NIETZSCHE, 2002) Lady Chiltern se classifica como Filisteu porque ela fora estudante legalista, moralista que imita a cultura repassada, e que internalizou a aprendizagem e tornou-a como característica própria, conforme o trecho a seguir:

“Há, dentro de nós, um imperativo categórico, que faz sempre perguntar-se: o que nos diz tal afirmação a respeito de quem a faz? Há morais que se destinam a justificar perante os outros o seu autor; outras têm por fim acalmá-lo e pô-lo bem disposto consigo mesmo; com outras crucificar-se e humilhar-se a si mesmo; com outros ainda para vingar-se, ou esconder-se ou transfigurar-se e colocar-se nas alturas e distâncias; há a moral que tem por intuito fazer o seu autor esquecer ou a algo de si; certo moralista queria exercer sobre a humanidade e o seu poder e o seu capricho criador; outro, talvez justamente Kant, daria a entender com a sua moral: O que há de respeitável em mim é o fato de seu poder obedecer e conosco deve passar-se precisamente o mesmo que comigo em suma, as morais também não passam de uma linguagem simbólica dos afetos”. (NIETZSCHE, 2002: 102).

É difícil não classificar a personagem Lady Chiltern como moralista e caprichosa e defender a tese de Nietzsche que acredita que as linguagens morais simbolizam afeto. Quando Lady Chiltern usa um discurso autoritário como se Sir Robert fosse o seu troféu e ela exibisse-o para a sociedade Londrina sem levar em consideração o sentimento de verdade que ele acreditava.

“Você vendeu um segredo de Estado por dinheiro! Você começou sua vida com uma fraude! Você construiu sua carreira sobre a desonra! Ah, diga que não é verdade! Minta para mim! Diga que não é verdade!” (WILDE, 2000: 91).

É possível interpretar que Lady Chiltern não queria transmitir esta sensação de poder, mas segundo a autora Eni Orlandi todo enunciado tem marcas próprias do eu enunciatador e a personagem fazendo uso de suas origens não fica alheia a esse conceito, nas palavras de Wilde: “Enunciou-me que uma pessoa que tenha praticado uma ação desonesta e desonrosa pode ser culpada da mesma coisa uma segunda vez e deve ser evitada”. (WILDE, 2000:88), assim analisando este conceito não há possibilidade de outra interpretação.

Mesmo sendo uma mulher aparentemente modelo de comportamento, membro de movimentos feministas com idéias revolucionárias não era capaz de revolucionar suas próprias características internas. Espera-se que uma pessoa com esses requisitos seja mais flexível e entendo que a verdade dela não precisa ser necessariamente a verdade do outro, conforme o intelectual OW que acredita que o ser humano precisa ter a alma realmente bonita para apreciar o sucesso do amigo e respeitar a verdade do outro. Assim compreende que OW preparou para sua personagem teatral essa característica com objetivo de tirar as máscaras femininas da sociedade Londrina, porque aparentemente eram mulheres modernas enquanto na realidade as mesmas alimentavam em si princípios morais isto nas atitudes alheias e não nas próprias.

Com estilo aristocrático e presunção burguesa Lady Chiltern sempre usufruiu de toda a fortuna de seu amado sem questionar a origem de tanto prestígio e isso proporcionou-lhe momentos inesquecíveis a ponto de sentir-se a mulher mais amada em Londres, talvez seja mesmo porque Sir Robert era consciente de que atrás daquela mulher maravilhosa escondia uma personalidade forte, conforme a seguir:

“Não é nunca preciso fazer o que não é honroso! Ou é preciso, então o que é que eu tenho amado! Mas não é preciso, Robert, diga que não é. Por que seria? O que você ganharia? Dinheiro? Não precisamos disso! E dinheiro escuso é uma degradação. Poder? O poder não é nada em si mesmo. O poder de fazer o bem é que é preciso - esse poder e somente esse. O que então? Robert me diga por que você não vai fazer essa coisa desonrosa?” (WILDE, 2000:53).

Não pretende-se nesse trabalho monográfico tecer críticas às personalidades humanas, mas propor uma reflexão sobre as atitudes que algumas pessoas tomam em nome do amor. Será mesmo proteção ou poder?

Compreendo o amor como sentimento liberal, que implica sim proteção, pois é compreensível que queira se proteger a pessoa que ama e cuidar para que a mesma não seja exposta a escândalo, mas há limites.

Não tem como deixar de existir e não poder fazer suas próprias escolhas e defender suas verdades contrariando a si mesmo. Amor é um sentimento puro que exprime uma sensação de liberdade.

É por esse substantivo “liberdade” que OW passou toda sua vida em confronto com a sociedade vigente na época nos fins do século XIX e que levou-o a ter inúmeros problemas, porém escreve de forma magnífica suas vivências requintadas com o objetivo de apresentar-nos que amar a liberdade de expressão e estilo não compromete o desenvolvimento intelectual de ninguém.

Existem pessoas que excedem-se e passam a exercerem poderes sobre as pessoas que amam simplesmente para satisfazerem caprichos desmedidos. E o considerado dândi espirituoso, dândi por proclamar a modernidade absoluta da beleza transformando-a num bem universal consumindo tempo e dinheiro OW representa esta realidade de forma bem clara ao escrever “Um marido Ideal” (2000) e representando esta questão com a personagem Lady Chiltern. Segundo Levim, embora o dândismo no início não fosse apreciado pela sociedade londrina por apresentar características irresponsáveis e diferenciar-se dos costumes habituais, eles regiam sua independência, a qual resultava em desprendimento em relação às normas e isso incomodava as pessoas, mas isso descarta o conceito de desordem, uma vez que o refinamento não é sinônimo de descontrole. E OW faz questão de desmascarar a sociedade aristocrática, mesmo porque na realidade eles eram

os verdadeiros dândis por participarem e usufruírem de todas as regalias que o dinheiro pode proporcionar. Diziam que não se importavam com dinheiro simplesmente porque não tinham falta dele.

Lady Chiltern, por exemplo, criticava a Sra Cheveley personagem que faz chantagens com Sir Robert por saber do seu segredo. Criticas essas que penalizava e relacionava a conduta de Cheveley com a mesma quando estudante, conforme o trecho a seguir:

“[...] Robert, eu conheço essa mulher. Você não conhece. Nós fomos contemporâneas de escola. Ela era mentirosa, desonesta, uma influencia nociva em todas as pessoas cuja confiança ou amizade conseguia conquistar. Eu a detestava, eu a desprezava. Ela roubava, era uma ladra. Foi expulsa por isso. Porque está deixando ela influenciar você? (WILDE, 2000:51).

Ao refletirmos notaremos que para entender a problemática do próximo necessita-se então sermos humanamente sublime para sensibilizar o que não é o caso de Lady Chiltern personagem esférica, porque ela muda de posicionamento na narrativa de mulher companheira e realizada, passa a ser insegura enquanto a integridade do marido, porque ela o colocara em um pedestal ignorando-o como ser humano sujeito a erros, segundo Foster só as pessoas redondas podem atuar tragicamente por qualquer espaço de tempo e inspirar-nos qualquer sentimento. (Foster. p. 71 1998). Segundo Nietzsche, o puritanismo é meio de educação e empobrecimento quase indispensáveis, porque os mesmos não aceitam os erros dos outros. Sabemos que tanto os homens quanto as mulheres tem momentos de fraquezas.

Assim pode-se classificar o comportamento de Lady Chiltern como injusto. É interessante enfatizar que só pode falar da pobreza quem já viveu nela, que é o caso do político brilhante Sir Robert. Pessoas que não foram pobres podem até falarem da pobreza, mas não do mesmo modo de quem a sentiu a viveu na pele.

Sir Robert quando jovem era pobre ambicioso buscando a liberdade, vê no dinheiro a solução para seus problemas conforme o trecho a seguir:

“Naquela época eu não achei que fosse”. E não acho hoje. A riqueza deu-me enorme poder. Deu-me o começo de uma vida livre, e a liberdade é tudo. Você nunca foi pobre e nunca soube o que é ambição. Você não pode entender que a oportunidade maravilhosa o barão me deu. Uma oportunidade que poucos homens conseguem. (WILDE, 2000:62).

A partir do discurso de Sir Robert compreende que ao vender um segredo da bolsa de valores, ele foi bem recompensado e está aí a origem de sua fortuna. A partir de então entrou na câmara imediatamente. E em menos de cinco anos havia triplicado a sua fortuna e passou a ser um homem de sucesso e qualquer coisa que relacionava-se com dinheiro ele conquistava.

Nesse trabalho monográfico explora-se a idéia que OW, apesar de ser considerado pelos autores que trabalhavam com a modernidade, realizava ao longo de sua obra uma crítica exemplar e competente do modelo de sociedade que, gestado muito antes do século XIX, encontrou nele contornos nítidos e precisos para apresentar a sociedade Londrina.

Ao mesmo tempo em que OW apresenta a ambição dos requintados dá-nos ensinamento de vida, porque o ser humano está sujeito a cometer erros, mas isso não impede deste mesmo ser humano aprender com seus erros. Assim para julgar as atitudes dos outros necessita então conhecermos suas versões, conforme conceitua Anatol (1985) que o personagem de romance através de assimilação representa uma realidade mais profunda e real da vida, acreditando que só assim essa visão torna realmente válida em termos estéticos da obra literária sendo assim é necessário que o leitor vá além do que está escrito.

Para Friedrich Nietzsche a maturidade do homem significa o reencontro com a sociedade que se tinha nas brincadeiras de infância. E Robert, vindo de um mundo simples, não teria a decência de virar as costas para a chance que lhe propuseram em ser um homem rico e bem acentuado. Embora Robert tivesse uma personalidade marcante era profundamente respeitado por todos. “Sua maneira de ser caracteriza-se por uma elegância extrema com leve toque de orgulho” (WILDE. 2000). Mas vive atrás de uma máscara, como se fosse o homem ideal e casa-se com a puritanista Lady Chiltern modelo de mulher moralista. Essa peça teatral não podia ser escrito por outro escritor a não ser OW, porque ele trama literariamente falando estes conflitos reais de forma exuberante que envolvem os leitores, despertando-os para a problemática.

Lady Chiltern representa claramente as mulheres Londrinas que viam em seus maridos o modelo de homem ideal para casar, pois Sir Robert era rico, intelectual, íntegro e político bem acentuado, características que preenchiam os requisitos para casar com mulheres requintadas dos fins do século XIX.

OW mostra através dessa personagem literária, Lady Chiltern, o quanto a sociedade vigente dava o veredicto final sem analisar as duas versões, pois Lady Chiltern viu que Robert preenchia os requisitos, mas não se preocupou com as origens da boa aparência.

Não cabe também julgar como já abordado anteriormente o conceito do que seja verdade para alguns não precisa ser necessariamente verdade para o outro. Conforme a atitude de Robert que achava que estava quite com a sociedade porque ele realizava obra de caridade, confira a seguir:

“Não digo que tive remorsos. Não tive. Não no sentido comum, meio tolo da palavra, mas paguei pela minha consciência muitas vezes. Tinha esperança louca de conseguir desarmar o destino. Distribuí o dobro da soma que o Barão Arnheim me deu em instituições de caridade”. (WILDE, 2000:64).

Ele tem consciência que errou e convive com esse sentimento de culpa, mas reconhece que sua vida mudou para melhor em relação ao financeiro. Isso torna-o um outro homem que não precisa mais de envolver em fraudes e corrupções porque já tem poder suficiente para manter sua ambição natural. Sir Robert não precisava submeter-se às chantagens de senhora Cheveley omitindo sua opinião em relação aos ingleses e declarar-se em público que estava contra o projeto que beneficiava os mesmos, se não estivesse nas mãos da ambiciosa Cheveley. “O que a senhora me pede é impossível. Eu não farei o que me pede. Não farei” (WILDE, 2000:63). Pois Sir Robert considerava o projeto solicitado pela senhora Cheveley um absurdo, negócio desonroso para sua pátria.

É notável que Robert apesar de seu passado, não era de acordo com falcatriuas que comprometiam sua pátria, pois segundo (NIELTZSCHE, 2002) o bom europeu zelava pelos seus. Esta é uma outra característica Londrina que OW faz questão de apresentar aos leitores. É de relevância observar que as obras de OW serão sempre discutidas no meio acadêmico, porque é muito significativa, uma vez que literatura permite viagens sem sair dos lugares, contato com outras culturas, crescimento intelectual sem contar que mostra-

nos as possíveis variações de comportamentos e também pelo fato de ter características dos escritores do século XIX, que tentaram sugerir e desvendar, tanto o mistério psicológico dos seres, quanto o mistério metafísico da própria existência conforme a afirmação de Antonio Cândido:

“A partir das investigações metódicas em psicologia, como por exemplo, as da psicanálise, essa investigação ganhou um aspecto mais sistemático e voluntário, sem com isso ultrapassar necessariamente as grandes intuições dos escritores que iniciaram e desenvolveram essa visão na literatura”. (CÂNDIDO, 2002:57).

Não perdendo o parâmetro deste trabalho, gostaria de retomar o ponto central que é analisar como Lady Chiltern é tão perfeccionista em relação às atitudes dos outros e como a mesma reage mediante ao problema de seu modelo ideal de marido que é Sir Robert. Ao relacionar com o conceito de OW que diz que “a moralidade é simplesmente a atitude que adotamos com as pessoas de quem não gostamos”. (WILDE, 2000:89), é relevante observar para melhor entendimento a maneira radical de Lady Chiltern em relação ao passado de Robert mesmo antes de conhecê-lo. Para OW o ser humano está sujeito a cometer erros tanto quanto é passível de mudança. O que é de suma importância para ele, é que cada pessoa viva de acordo com suas convicções desde que não faça imposições aos outros. Nisso o autor é brilhante, porque ninguém precisa viver condicionado ao outro.

O autor OW com grandeza literária organiza “Um Marido Ideal” (2000) especificamente a personagem Lady Chiltern numa estrutura coerente de forma verossímil, isto é, com possibilidade de comparação com a mulher do século XIX. Ele faz esta aproximação da ficção com o real com tanta exuberância que ora o leitor permeado pelo imaginário pensa estar vivenciando os fatos.

Isto é realizado na obra de forma clara quando O W apresenta a personalidade de Lady Chiltern, a qual julga-se mulher perfeita sem nenhuma atitude que possa denigrir sua imagem. E como é intencional do romancista despertar a crítica no leitor, ele faz isso quando cria um discurso com personagem Lord Goring, o qual desempenha o papel de verdadeiro dândi. E fazendo uso de suas origens dandista o personagem levanta questionamentos em relação ao comportamento de Lady Chiltern, confira a seguir. “Será que ela nunca fez nada de louco ou de reprovável – na vida para não ser capaz de perdoar o seu pecado”? (WILDE, 2000:63)

O personagem Lord Goring como intelectual e crítico não deixa por menos ao referir-se as atitudes morais de Lady Chiltern e faz observações sobre seu comportamento enquanto mulher

Segundo Antônio Cândido “todo texto, artístico ou não, ficcional ou não, projeta tais contextos objetivos puramente intencionais, que podem referir-se ou não a objetos onticamente autônomos” (CÂNDIDO, 2002:15). Assim há possibilidades de interpretação quanto aos atos de Lady Chiltern como intencional, uma vez que o eu ator condena qualquer que seja atitude de moralidade

Sendo todo ser humano sujeito a erros e passivo às mudanças, porque não pensar que Lady Chiltern já tenha cometido pecados? Uma vez que seu próprio marido classifica-a como uma pessoa fria, severa e sem compaixão em relação aos outros, confira a seguir:

“Minha mulher! Nunca! Ela não sabe o que é fraqueza, o que é tentação. Eu sou de barro como todos os outros homens. Ela se destaca do modo que as mulheres sérias se destacam – sem piedade na sua perfeição – fria e severa e sem compaixão. Mas eu o amo, Arthur. Não temos filhos e eu não tenho mais ninguém para amar, mais ninguém que me ame. Talvez ela fosse mais generosa comigo se tivéssemos filhos. Mas Deus nos deu uma casa vazia. E ela partiu o meu coração em dois. Não vamos falar nisso. Eu fui cruel com ela esta noite. Mas imagino que os pecadores sejam sempre cruéis quando falam com os Santos”. (WILDE, 2000: 111)

O personagem Robert representa de forma nítida o conflito humano, as indecisões que permeiam o ser humano, porque ao mesmo tempo em que Robert reconhece que sua mulher é uma pessoa fria, severa ele rende-se ao amor que sente por ela e coloca-a num estágio de santidade. Será mesmo Lady Chiltern merecedora de santidade, enquanto escreve carta para Lord Goring amigo de Robert em papel de cor rosa dizendo que ele é a pessoa que ela precisa? Conforme abaixo:

“É a pessoa de que preciso e em quem confio. Estou indo ao seu encontro. Gertrudes.” (WILDE. p.105.2000)

Analisando nas entrelinhas o discurso de Lady Chiltern, percebe-se que O W diz algo aí, pois a cor rosa representa feminilidade da mesma e juntamente lembra os encantos das mulheres mediante a esse discurso, com a representação do papel cor de rosa o autor

possibilita a interpretação de que a personagem usa de seus recursos femininos para encantar Lord Goring, o mesmo que questiona como já abordado anteriormente sua integridade. Essa interpretação é possível porque a interpretação varia de leitor para leitor e também varia a cada leitura feita. Mesmo não mantendo um relacionamento com o melhor amigo de seu marido Lord Goring, o autor faz questão de apresentar aos leitores que todos os seres humanos estão sujeitos a caírem em situações complicadas, a qual pode envolver sua integridade enquanto pessoa e que o mesmo toma atitudes de acordo com a situação. Porém como Lady Chiltern a moralista, quando vê-se com problemas que vai denegrir sua imagem imaculada, mesmo não sendo verdade procura esconder seu segredo, confira no discurso abaixo:

“Não. A carta precisa ser interceptada. Só isso, mas como posso interceptá-la? Cartas chegam para ele toda hora. Seus secretários abrem todas e entregam-nas a ele. Não ousa pedir aos criados que tragam as cartas dele para mim. Seria inconcebível. Ah! Porque o senhor não me diz o que fazer? (WILDE, 2000:142)

É nesse desmascaramento que consiste “Um Marido Ideal” (2000). O autor O W com a ficção encanta os leitores que gostam do estilo, justamente porque ele envolve as pessoas com sua inteligência, não é objetivo central do autor usar a literatura para mostrar os conflitos da sociedade Inglesa, mas sim representar o ser humano como um todo.

OW prepara o final da narrativa em grande estilo literário, pois concentra seus esforços revelando o filósofo dentro do dândi Lord Goring, personagem que defende a liberdade em todos os sentidos, seja de expressão, conceitos, amor, etc.

Para o autor que considera a liberdade como a prioridade para o ser humano, desistir de algo que considera importante em nome do amor, não vale a pena, porque não é amor e sim caprichos. OW acredita que, quando uma pessoa é levada a renunciar algo para satisfazer alguém, compromete assim sua própria identidade, pois a renuncia oculta seu eu e, porém diminui a intensidade do amor, conforme a seguir:

“A senhora ama Robert. Quer matar o amor dele pela senhora? Que tipo de existência ele terá se a senhora

o privar dos frutos de sua ambição, se a senhora o condenar ao fracasso estéril, ele que foi tudo para o triunfo e o sucesso?" (Wilde, 2000: 150).

Assim pode-se relacionar o amor com as feridas que mesmo quando saram, deixam cicatrizes, pois Robert ao desistir de suas ambições políticas não seria a mesma pessoa e não amaria Lady Chiltern com a mesma intensidade de antes, porque seu grande amor estava condicionado aos caprichos de sua mulher.

Cabe ressaltar que o modelo da sociedade já continha no período valores atualmente bastante conhecidos: ênfase na singularidade distinção pessoal e defesa do prazer.

Ao colocar-se polemicamente frente ao amor, aos papéis familiares, às maneiras de convívio social e ao que pertence à esfera pública e a privada, OW envolve o leitor em reflexões. Não cabe aprofundar aqui a análise entre o extremo individualismo e a instituição da propriedade privada, mas este pano de fundo é essencial para a compreensão da subjetividade socialmente constituída. Até que ponto o indivíduo fica imune de experimentar a sensação de liberdade?

As obras de OW podem ser consideradas sem dúvida alguma, obras com cunho moralizante, pois chama a atenção para a vida como por exemplo sua criação do personagem Dorian Gray com o objetivo de apresentar a inscrição do social no sujeito, através da questão do desejo penetrando até aos redutos mais íntimos da subjetividade, mostrando que cada momento sócio-histórico define certos modos no indivíduo.

Assim OW com diferente estilo literário consegue voltar a atenção dos leitores para reflexões aprofundando o entendimento nas entrelinhas de sua obra, pois verdadeiramente o ser humano passa por fatos importantes na vida e que cada indivíduo inevitavelmente sofre derrotas temporárias, de formas diferentes, nas ocasiões mais diversas. Porque a diversidade traz consigo a semente de um benefício equivalente. Não se encontra homens bem-sucedidos na vida que não houvesse antes sofrido derrotas temporárias. Mas toda vez que um homem supera torna-se espiritualmente mais forte. É assim que deve conceituar OW mediante suas obras literárias.

Ao criar a personagem aqui analisada, Lady Chiltern, o autor apresenta a capacidade real do ser humano em mudar constantemente de personalidade enfatizando que cada ação humana corresponde a uma reação seja ela de qualquer natureza. Falar de OW é uma atualização contínua, pois o mesmo persiste em viver eternamente.

A escolha desse tema “o conceito de aparência e realidade” na obra “Um Marido Ideal” (2000) de OW deu-se para responder questionamentos acadêmicos sobre a obra uma vez que a mesma retrata a personagem feminina entre morais e conceitos. Além de questionamentos enquanto acadêmico é válido ressaltar o encanto literário que o autor desperta nos leitores que gostam de seu estilo.

OW desde cedo sobressaía-se entre os demais estudantes devido a sua intelectualidade e temperamento muito forte e anticonvencional, levando-se uma consideração a alta moralização dos costumes do século XIX. Mantinha sempre um ar superior por onde passava, mas essa forte personalidade que é uma característica marcante no autor destacava como brilho natural e isso sobrepunha-o como figura indispensável na literatura moderna.

Pesquisar as obras de OW é sem dúvida contribuir-se no crescimento individual de qualquer leitor que dá ênfase nas entrelinhas e percebe a comunicação do autor.

O reconhecimento do autor não é meramente de momento, pois suas obras têm uma durabilidade para sempre e serão discutidas eternamente, pois OW é um dos melhores escritores da modernidade, ele viveu num tempo em que a literatura sofria influências literárias de uma estética anterior que primava a ordem, mas consegue fazer mudanças com seus escritos criando uma estética que representa sua autenticidade, saindo da estética modelo do século XVIII. Assim o autor com total liberdade e combinação de idéias cria uma literatura autêntica originada de seus princípios e alcança na ficção representar a vivência da sociedade Londrina.

Há uma possível interpretação de que a literatura é uma invenção do autor em que o mesmo cultiva uma realidade imaginária, e que através dessa literatura ele representa uma gama de situações básicas da vida incluindo também em seus escritos seu próprio conceito sobre o mundo, seu talento e sua sensibilidade.

OW revela-se em “Um Marido Ideal” (2000) sua grandiosidade como autor moderno que busca na realidade a essência contextual para a obra em questão, pois a mesma quando é lida de forma minuciosa são encontrados ali elementos essenciais que transmitem as idéias do autor que estão intimamente relacionados com a sociedade vigente.

Compreende-se que a literatura não tem compromisso com a realidade e nem pode ser vista como meio de informações passadas, mas sabe-se que o autor sendo um ser social e como tal traz para dentro de suas obras os fatos sociais. Isso que é fascinante na literatura e faz com que os leitores incorporem a obra e por ora pensa estar vivenciando esses fatos.

OW em *Um Marido Ideal* (2000) representa os conflitos sociais permeados por conceitos moralistas. E procura-se nessa pesquisa monográfica buscar através de reflexões a compreensão por mínima que seja, de como o ser humano fica limitado às suas próprias vontades e convicções porque existem determinações no meio social. Não leva-se em consideração a verdade do outro e o autor como faz uso de suas origens autênticas não deixa por menos criando a personagem Lady Chiltern, figura que representa claramente a mulher Londrina com característica do dandismo, a qual era bem acentuada na vida e achava que o mundo girava em torno de si, assim então o autor cria situações em que realça muito bem como essa figura posiciona-se mediante à atitude alheia que não deixa de ser uma realidade na sociedade inglesa.

Portanto, esse trabalho monográfico não considera-se por acabado, porque há muito o que pesquisar pois o significado dessa obra tanto pessoal quanto acadêmico é amplo demais e merece um estudo especial. Este trabalho sem sombra de dúvida enriquece o conhecimento e muda conceitos atribuindo valores talvez desconhecidos, pois OW viveu em um outro tempo, mas que permeia na atualidade tanto no meio acadêmico, na mídia, etc, revelando seu encanto literário a cada leitura que faça de sua obra.

É relevante que dê continuidade a esse trabalho e faça viver para sempre o grandioso OW.

BIBLIOGRAFIA

Wilde, Oscar. *Um marido ideal*. Ed. Ediouro. Rio de Janeiro. 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Rosenfeld, Anatol. *Texto/ contexto*. Ed. Perspectiva. 4 ed. São Paulo. 1985.
- Candido, Antonio. *A personagem de ficção*. Anatol Rosenfeld. Décio de Almeida Prado.
- Foster, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Ed. Globo. 2 ed. São Paulo. 1998.
- Nietzsche, Friedrich. *Para além do bem e do mal*. Ed. Martin Claret. São Paulo. 2002.
- Levin, Orna Messer. *As figurações do dândi*. Ed. Unicamp. São Paulo. 1996.
- WWW. minhaexpressãodeamor. hpg.ig.com.br.